

**Análise Literária e Quadrinhística e transposição do Conto Assassinos na Rua
Morgue, de Edgar Allan Poe**

**Literary and Quadratic Analysis and transposition of the Tale Murders on
Morgue Street, by Edgar Allan Poe**

Adriano Souza Freitas¹

Instituto Federal de Alagoas

Resumo: Há um certo tempo, alguns textos literários nacionais estão sendo adaptados aos quadrinhos, nesse mesmo fluxo, estudiosos se debruçam a analisar como esta prática está sendo realizada. Seguimos caminhos semelhantes, porém a partir de um escritor estrangeiro, Edgar Allan Poe. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é, não apenas, analisar a “adaptação” do conto Assassinos na Rua Morgue, mas também realizar uma análise literária do conto, bem como fazer uma comparação entre as artes, sem mérito de valorização. Para a realização deste trabalho, fora utilizado livros da seara literária de escritores como Tzvetan Todorov e Massaud Moisés, bem como de escritores que se dedicam ao estudo dos quadrinhos como Thierry Groensteen. A pesquisa foi bibliográfica, no entanto, sempre que necessário buscou-se subsídio histórico-comparativo. A partir das leituras e da escrita do texto, percebeu-se a riqueza do conto literário e da sua “adaptação”, ou seja, da HQ. Sobressaindo, portanto, a ideia de que não é necessário hierarquizar as artes, pois elas são diferentes e com objetivos, em muitos casos, distintos, mas que podem se completar dependendo da finalidade.

Palavras-chave: Adaptação; Edgar Allan Poe; quadrinhos

Abstract: For some time, some national literary texts have been adapted to comics, In this same flow, scholars are looking to analyze how this practice is being performed. We followed similar paths, but from a foreign writer, Edgar Allan Poe. Thus, the aim of this work is not only to analyze the "adaptation" of the Murder story in Morgue Street, but also to perform a literary analysis of the story, as well as to make a comparison between the arts, without merit of valuation. For the accomplishment of this work, it had been used books of the literary seam of writers like Tzvetan Todorov and Massaud Moisés, as well as of writers who are dedicated to the study of the comic like Thierry Groensteen. The research was bibliographical, however, whenever necessary a comparative-historical subsidy was sought. From the readings and the writing of the text, the richness of the literary tale and its "adaptation", that is, of the HQ, was perceived. The idea is therefore that it is not necessary to prioritize the arts, because they are different and with objectives, in many cases different, but can be completed depending on the purpose.

Key-words: Adaptation; Edgar Allan Poe; Comic books.

Submetido em 15 de abril de 2017

Aprovado em 23 de setembro de 2017

¹ Possui graduação em Letras – Português pela Universidade Federal de Sergipe (2009); Especialização em Língua Portuguesa (2011); e é Mestrando em Ciências Ambientais. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas. E-mail: adrifreitas23@gmail.com

Introdução

Há alguns anos, a transposição ou a adaptação - como é mais conhecida - de textos literários para as histórias em quadrinhos (doravante HQ) vêm ganhando mais notoriedade. A obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, por exemplo, já foi publicada por algumas editoras e algumas datam início dos anos 2000. Isso se deve por vários fatores como a adaptação dos gêneros textuais a faixa etária adequada para o estudo ou mesmo pela preferência a leitura das HQs. Outras obras foram adaptadas, a citar, *O Cortiço* - Aluísio Azevedo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* - Machado de Assis, *O Quinze* - Rachel de Queiroz; bem como obras internacionais, por exemplo, *Os Miseráveis* - Victor Hugo, *Odisseia* - Homero, *O Pequeno Príncipe* - Antoine de Saint-Exupéry; e outras já foram adaptadas para o Mangá, como o clássico *Hamlet*, de Shakespeare.

Assim como aconteceu com os clássicos destacados anteriormente, ocorreu o mesmo com algumas obras de um grande escritor do século XIX, que nasceu nos Estados Unidos da América e, por causa ainda incerta, morreu aos 40 anos, Edgar Allan Poe. Várias foram as suas obras de destaque e algumas adaptadas para Quadrinhos. A editora Farol HQ adaptou quatro (4) grandes clássicos: *Assassinatos na Rua Morgue*, *O Poço e o Pêndulo*, *O Coração Delator* e *A Queda da Casa de Usher*, os quais deveriam ser analisados, porém o trabalho seria demasiado, e como as “adaptações” são bem semelhantes, selecionamos uma que chamou a atenção pela personagem principal, Dupin, investigador que faz parte da trilogia criada por Poe.

Cabe destacar nessa introdução que o trabalho foi bibliográfico, porque foi realizado com base na análise do conto e da História em Quadrinhos *Assassinatos na Rua Morgue*, sempre subsidiado por livros relacionados às teorias de ambas as artes, por exemplo, para análise da HQ, utilizamos, além de outros, o livro *O sistema dos Quadrinhos*, de Thierry Groensteen, escritor Belga que se dedica com afinco ao estudo dessa arte. Destacamos ainda que este livro não serviu para análise apenas da HQ, pois há em suas páginas vários comentários atinentes à literatura. Para análise literária, temos como alicerce Tzvetan Todorov e Massaud Moisés, dois grandes estudiosos da literatura, este contribuiu para caracterização e classificação do conto, aquele para uma análise da trama e das características do grande escritor Edgar Allan Poe.

Enfim, foi um trabalho lacônico, quando relativizamos com a riqueza de ambas as artes. Fizemos subdivisões para facilitar a produção e a leitura do trabalho, tanto na

etapa literária como na etapa dos quadrinhos. Por último fizemos um sucinto trabalho comparativo, obviamente, sem a necessidade de valorarmos as artes, pois sabemos que não há o que hierarquizar, uma vez que são propostas distintas, mesmo assim destacamos o caráter complementar que há entre elas.

2 Material e Métodos

Para facilitar a confecção deste trabalho, bem como a organização dos assuntos abordados, vamos tratar primeiramente dos métodos, que serão vistos em uma só seção. Em seguida, destacaremos os materiais, serão abordaremos em duas subseções. A primeira tratará dos materiais cuja importância foi destaque para a análise literária; o segundo tratará dos materiais que subsidiaram a análise Quadrinhística. Cabe ressaltar que essa segregação é apenas didática e, portanto, os materiais que se encontram enquanto suporte na seção literária podem adentrar na seção Quadrinhística e vice-versa, principalmente, quando tratarmos dos resultados e discussões.

2.1 Métodos

Este trabalho é de cunho bibliográfico. Sendo assim, seguimos o rito prescrito por Marconi e Lakatos, escolhemos o tema, na verdade, fizemos um esboço para nortear o trabalho, porém este tema final sofreu pequenos ajustes; e fora elaborado um plano de trabalho, essencialmente voltado para a elaboração das subseções de análise do trabalho. Devemos destacar que o auxílio do computador e do escâner foram imprescindíveis, pois os livros foram digitalizados e, portanto, facilitou bastante o procedimento de fichar o material. A análise e interpretação foram realizadas por 4 meses. Os livros foram lidos e muitos pontos relidos para mitigar dúvidas e comparar textos para perceber a viabilidade de realizar um trabalho comparado.

2.2 Materiais

2.2.1 Análise Literária

Enquanto material para análise literária, necessariamente, partimos da leitura e releitura do *Assassinatos na Rua Morgue*, de Edgar Allan Poe. Após anotações e pesquisas sobre o conto, novas leituras foram realizadas, com enfoque no suporte teórico, destacou-se para a proposta *A Criação Literária*, de Massaud Moisés, pois serviu de alicerce para conceituar, classificar e caracterizar a obra e ter subsídio para

avançar em outras leituras. As obras de Tzvetan Todorov foram de pertinência única, principalmente, porque ele traz exemplos de obras de Poe, foram utilizadas *Introdução à literatura Fantástica* e *As Estruturas Narrativas*, sendo esta mais importante para o trabalho, pois além de contribuir para a análise literária, foi também salutar à verificação da história nos quadrinhos.

2.2.2 Análise Quadrinhística

Os livros que subsidiaram a construção deste trabalho surgiram quase que numa mesma época. Inicialmente fora adquirido o livro *Como usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula*. Livro bem didático e de linguagem acessível, também foi responsável por suscitar a ideia de desenvolver uma pequena pesquisa acerca dos quadrinhos. Assim, com a aquisição da coleção das HQs “adaptadas” dos contos de Edgar Allan Poe foi que a ideia ganhou força. Desta forma, procuramos textos que pudessem sustentar teoricamente o trabalho a partir do viés dos quadrinhos. Os mais proeminentes foram *Desvendando os Quadrinhos*, de Scott McCloud; *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*, de Gombrich; e o mais importante para este trabalho, *O Sistema dos Quadrinhos*, de Thierry Groensteen.

3 Resultados e Discussão

3.1 Biografia e Introdução à Obra

Edgar Allan Poe nasceu em 19 de janeiro de 1809, na cidade de Boston, Massachusetts. Morreu em 7 de outubro de 1849, a causa da morte não está totalmente às claras, não obstante, muitas vezes relacionada ao álcool. Seus pais biológicos faleceram de tuberculosos, logo após o fato, Poe foi adotado por um rico comerciante, John Allan. Poe viajou pela Europa e teve boa formação escolar. Escreveu obras que influenciaram vários escritores, sobretudo, Baudelaire.

Obras de destaque são várias, mas podemos citar, neste momento, *A Queda da Casa de Usher*, *William Wilson* (ambos de 1839), *Assassinatos na Rua Morgue* (1841), *O Poço e o Pêndulo*, *O Mistério de Marie Rogêt* (ambos de 1842), *O Gato Preto* (1843), *A Carta Roubada* (1844) e *O Corvo* (1845). Por meio desta rápida cronologia das obras, podemos destacar que, quando escreveu *Os Assassinatos da Rua Morgue*, Poe já possuía um grau de maturidade bem desenvolvido para a escrita, pois antes já havia

publicado dois contos excepcionais como A Queda da Casa de Usher e William Wilson e, na época, tinha cerca 32 anos.

Além disso, deve ser destacado que a obra em destaque faz parte de uma trilogia, composta pelas obras Assassinatos da Rua Morgue – sendo esta a precursora, O Mistério de Marie Rogêt e A carta Roubada, as quais têm como protagonista Chevalier Auguste Dupin.

3.2 Análise Literária

3.2.1 A Obra – Primeiras Palavras

Classificada pelos críticos como conto literário e nessa perspectiva se dará a nossa análise. Dos contos de Poe, este é um dos mais extensos e mais curiosos, pois o assassino da Madame L’Espanaye e da Mademoiselle Camille L’Espanaye não era um homem ou mulher, mas uma outra criatura. Por meio de uma investigação peculiar, Dupin descobre que o autor do crime foi um macaco. Em outras palavras, mais uma vez uma obra de Poe se sustenta nas anomalias, trazendo assim um cenário sombrio, típico da escrita do mestre do suspense e horror.

3.2.2 O Conto – Conceito

O conceito e, sobretudo, a origem do conto são sombrias, algo muito próximo ao escritor que estamos trabalhando. Massaud Moisés, em a Criação Literária, destaca: “Pelo que se pode saber, é desconhecida a origem do conto. É-nos vedado pensar o momento em que surgiu, pois teríamos de remontar a uma era da História ensombrada por denso mistério e incerteza de contornos” (1972, p.120).

Foi no século XIX que ele ganhou mais notoriedade e recebeu uma caracterização mais literária e menos folclórica. Sendo nessa mesma época, o período de escrita das publicações dos contos de Poe, responsável pelo conto moderno, segundo Moisés, “indicador das histórias de crimes e de detetives; Nicolai Gogol, considerado, juntamente com Poe, o introdutor do conto moderno [...]” (1972, p.122).

Assassinatos na Rua Morgue segue o que caracterizam como conto, façamos uma abordagem lacônica. Primeiramente, o enredo do conto é objetivo, o qual foi realizado por Dupin, descobrir o assassino das L’Espanayes. Não há várias tramas, como ordinariamente acontece nos romances e, em raros casos, algumas novelas. A noção de espaço e tempo é “curta”, e esta é uma característica marcante nos contos. No

conto em análise, o espaço é a cidade de Paris, mas a trama acontece mais especificadamente em uma biblioteca, na rua Montmartre; em uma casa desolada na mesma cidade; A rua Morgue e o apartamento onde ocorrera o crime; e a delegacia. Massaud Moisés fala sobre essa brevidade de espaço e tempo: “A noção de espaço segue-se imediatamente a de tempo. E aqui também se observa igual unidade. Com efeito, os acontecimentos narrados no conto podem dar-se em curto lapso de tempo” (1972, p.125).

Tudo isso é abstraído na obra, ou então posto em segundo plano, pois o que importa é descobrir quem cometeu os assassinatos. O tempo quase não é destacado e o espaço que ganha certa importância é o apartamento, ou seja, o local do crime, mas não apenas por ser uma casa sombria, grande e localizada em Paris, porém sim por ser peça fundamental na investigação.

Outra característica do conto está relacionada à linguagem, pois ela deve ser sucinta, Moisés destaca que “a linguagem em que o conto é vazado também deve ser objetiva, plástica e utilizar metáforas de curto espectro, de imediata compreensão para o leitor” (1972, p.128). Poe, como exímio contista, parece que previa ou talvez influenciou o que o grande crítico brasileiro escreveria sobre o uso da linguagem nos contos. Vejamos um trecho de *Assassinatos na Rua Morgue*:

A verdade não se encontra sempre no fundo de um poço. De fato, no que refere aos conhecimentos mais importantes, acredito que seja invariavelmente superficial. A profundidade acha-se nos vales em que a buscamos e não no topo das montanhas, onde a verdade é encontrada. (POE, 2015, p.114)

Esse excerto traz uma metáfora, também conhecida como palavras de efeito. Mas apenas com uma leitura atenta nós conseguimos interpretar o que o narrador quis dizer: onde encontrar a verdade, ou seja, uma metáfora de curto espectro. Veremos mais sobre a linguagem do conto mais à frente.

Portanto, percebemos que há no texto *Assassinatos na Rua Morgue* características que o “encaixa” no grupo do gênero conto. Obviamente, fizemos um recorte e destacamos o conceito, o espaço, o tempo e a linguagem. Fizemos isso apenas para ratificar o que a crítica literária faz, obviamente, à luz de uma breve interpretação para compreendermos melhor o texto de Poe.

3.2.3 Tipo – Classificação

Para classificar o conto, fizemos a leitura de alguns textos, todavia, o mais salutar foi *As Estruturas Narrativas*, de Todorov. Há no livro uma passagem que nos proporcionou uma imersão na obra em análise para assim classificá-la, vejamos:

Esse tipo de interesse era inconcebível no romance de enigma, pois suas personagens principais (o detetive e seu amigo, o narrador) eram, por definição, imunes: nada podia acontecer-lhes. A situação se inverte no romance negro: tudo é possível, e o detetive arrisca sua saúde, senão sua vida. (TODOROV, 2006, p.99)

Na obra *Assassinatos na Rua Morgue*, há um narrador-personagem e o detetive Dupin. Eles se conheceram numa biblioteca, Dupin foi morar na casa daquele. Eles liam muito e passeavam às vezes pela cidade, até que um dia, dois assassinatos foram divulgados. Dupin investigou o crime e solucionou o caso, nessa busca pelo assassino, percebemos que ambos não sofreram nenhum perigo. Nos demais livros que compõem a trilogia Dupin, ele também investiga os casos, mas sem pôr em risco a própria vida. Chegamos à conclusão que *Assassinatos na Rua Morgue* é um romance de enigma, assim como outros de Poe.

Ainda sobre o tipo do conto, sabemos que a trama está relacionada há dois assassinatos. A princípio, nós leitores, poderíamos crer que se tratava de algo sobrenatural, ou ainda, relacionado ao fantástico, mas eram apenas recursos do escritor para deixar o leitor envolvido, vejamos uma passagem do conto:

Após uma investigação completa de cada porção da casa, sem novas descobertas, o grupo entrou em um pequeno pátio calçado, que ficava na parte de trás do edifício, onde jazia o corpo da velha senhora, com a garganta cortada a tal ponto que, ao tentarem erguer o cadáver, a cabeça caiu no chão. Tanto o corpo como a cabeça estavam terrivelmente mutilados; o primeiro a um ponto que mal retinha qualquer semelhança com um corpo humano. Para este horrível mistério não existe ainda, segundo acreditamos, a menor pista. (POE, 2015, p.103)

Esta passagem da obra somada a trechos anteriores, bem como outras cenas posteriores, passam a ideia de um fato fora da nossa realidade, no entanto, era apenas um estratagema do escritor para realizar seu conto policial de enigma, algo semelhante é escrito por Todorov:

Sabemos também que Poe deu origem à novela policial contemporânea, e esta cercania não é fruto da casualidade; frequentemente se afirma, por outro lado, que os contos policiais substituíram os contos de fantasmas. Esclareçamos a natureza desta relação. A novela policial com enigmas, em que se trata de descobrir a identidade do culpado, está construída da seguinte maneira: por uma parte, propõem-se várias

soluções fáceis, a primeira vista tentadoras, que, entretanto, resultam falsas; por outra parte, há uma solução absolutamente inverossímil, a qual só se chegará ao final, e que resultará ser a única verdadeira. (TODOROV, 2014, p. 28)

Poe fez o que sabia de melhor, criou uma série de estranhezas para passar uma ideia de fantástico/maravilhoso, podendo se aproximar do que aconteceu no conto O Gato Preto, porém as técnicas utilizadas estavam mais estreitas com o que ele fizera em A Queda da Casa de Usher, uma realidade excepcional. Na obra em questão, era muito difícil, a princípio, interpretar que o assassino fosse um macaco, mas à medida que o texto ia sendo apreciado e os argumentos de interpretação bem construídos, ficou mais fácil aceitar a estória. Ratificando, agora nas palavras de Baudelaire: “Nenhum homem contou com mais magia as exceções da vida humana e da natureza”; e Dostoievsky: “Ele [Poe] escolhe quase sempre a mais excepcional realidade, coloca sua personagem na mais excepcional situação, no plano exterior ou psicológico” (TODOROV, 2014, p.54). Ao analisar a obra e comparar a outras escritas por Poe, percebendo ainda o que a teoria destaca, chegamos à conclusão que *Assassinatos na Rua Morgue* é um conto de enigma, que faz parte de uma trilogia que tem um grande investigador, Dupin.

3.2.4 Linguagem – Pertinência

Na seção que tratamos do conceito do conto, uma das características que destacamos foi a linguagem. Reservamos esta seção para desenvolver um pouco mais a temática. Sabemos que a maneira objetiva de escrever é uma característica inerente ao conto. Outro fator merece destaque: o diálogo. Moisés destaca tal componente:

Dentre os componentes da linguagem do conto, o diálogo, sendo o mais importante de todos, merece referido em primeiro lugar. O conto, por seu estofamento eminentemente dramático, deve ser, tanto quanto possível, dialogado. Muito simples a explicação: os conflitos, os dramas, residem na fala das pessoas, nas palavras proferidas (ou mesmo pensadas) e não no resto; sem diálogo não há discórdia, desavença, mal-entendido, e sem isso, não há conflito nem ação. As palavras, como signos de sentimentos, ideias, pensamentos e emoções, podem construir ou destruir. Sem diálogo, torna-se impossível qualquer forma completa de comunicação. (MOISÉS, 1972, p. 128)

Moisés foi muito assertivo em tudo que ele escreveu e, com certeza, mais ainda quando analisamos os diálogos em *Assassinatos na Rua Morgue* à luz da escrita destacada acima. A obra se inicia por meio de uma reflexão do narrador, para falar de intelecto, análise, método e engenhosidade. Tudo isso para fazer a introdução da obra,

com a finalidade de preparar o leitor para o que estria por vir, no entanto, o conto ganha “força” mesmo a partir dos diálogos.

O primeiro diálogo que demonstra a perspicácia investigativa aconteceu, quando Dupin e o narrador-personagem estão nas proximidades de *Palais Royal* e o homem misterioso fala ao narrador que se tratava de um baixinho o qual faria parte de uma peça teatral. Essa circunstância mostrou como Dupin era capaz de perceber o que estava acontecendo – mesmo psicologicamente – a partir de uma observação aguda. Esses diálogos acerca da “primeira investigação” de Dupin estavam pautados em muito raciocínio e, depois dessa sequência de diálogos, acontecem os assassinatos.

Após os crimes, acontece uma sequência de interrogatório (diálogos) que são imprescindíveis para o desenrolar da trama, uma vez que estamos discutindo um conto policial com enigmas. Dupin utilizou dos depoimentos para fazer um raciocínio lógico da situação. Todos que foram interrogados não tinham certeza de uma determinada voz. Um rigoroso esquema, tudo acontecia em sequência, assim como Poe fez em *O Corvo*, fez também em *Assassinatos na Rua Morgue*, ele próprio destaca isso em *Filosofia da composição*:

Escolhi “O Corvo”, como a mais geralmente conhecida. É meu desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático. (POE, 1999, p.2)

E essa sucessão de pistas e raciocínio apurado é que vai construindo a obra e deixando o leitor curioso por um desfecho. Saber quem realmente assassinou as mulheres. As palavras, frases/orações e períodos são pensadas na composição do todo. Assim como Poe, Todorov disserta algo semelhante:

No discurso literário, como no discurso cotidiano, o sentido pode ser isolado de um conjunto de outros sentidos aos quais se poderia dar o nome de interpretações. Entretanto, o problema do sentido é aqui mais complexo: enquanto, na palavra, a integração das unidades não ultrapassa o nível da frase, em literatura, as frases se integram de novo em enunciados, e os enunciados, por sua vez, em unidades de dimensões maiores, até a obra inteira. (TODOROV, 2006, p. 59)

Portanto, Poe faz da linguagem o que realmente se espera de um grande escritor, utiliza-a como “pontapé inicial” a partir de uma narrativa curta e preambular, para assim trazer a essência do conto em diálogos instigantes e suscitadores de curiosidades e faz da própria linguagem a ferramenta de fecho do seu trabalho.

3.3 Análise Quadrinhística

Há, na atual conjuntura de pesquisas relacionadas aos Quadrinhos, muitos estudiosos, por uma delimitação do tempo e deste gênero textual em questão, não podemos trazer vários para discussão, por isso, entre outras circunstâncias, nos dedicamos a trazer Scott McCloud e, principalmente, Thierry Groensteen. Este, segundo Nobu Chinen:

ele foi ampliando sua reputação e conquistou posição de destaque por sua dedicação e suas pesquisas dos quadrinhos a ponto de se tornar diretor do conceituado Musée de la Bande Dessinée, em Angoulême, localidade historicamente associada aos quadrinhos por sediar até hoje o mais tradicional evento sobre o assunto no mundo. (GROENSTEEN, 2015, p. 7)

E ainda: “Groensteen pertence a uma rara estirpe de estudiosos que une o perfil pesquisador da história dos quadrinhos e a competência analítica de um dedicado investigador desse fenômeno como linguagem” (Groensteen, 2015 p.7).

Analisaremos algumas páginas da HQ “Assassinatos na Rua Morgue”. Ela foi divulgada pela Farol HQ, traduzida por Cassius Medauar, as ilustrações produzidas por Emerson Dimaya e adaptada por Carl Bowen. A HQ foi levada ao público em março de 2014, portanto, um trabalho recente. Deve ser destacado que esta não é uma produção isolada, pois ela faz parte de uma coletânea de “adaptações” das obras de Poe:

Imagem 1: Capas dos Contos de Edgar Allan Poe adaptados às HQ.



Fonte: Farol HQ, 2016.

Obviamente, selecionaram 4 (quatro) grandes textos de Poe, porém não vamos abordar todos, pois este trabalho é incipiente e avançará nos estudos e, com certeza, abordará outros, principalmente, a Queda da Casa de Usher, pois é o mais conhecido e

provocante no sentido de investigação. Aqui, deter-nos-emos a analisar um outro clássico Assassinatos na Rua Morgue.

3.3.1 Estatística e Análise Panorâmica

A HQ tem 174 quadrinhos incluindo as incrustações - serão detalhadas na seção pertinente -, há aproximadamente também 200 balões cujo formato é sempre o mesmo, não há variação, apenas a junção de balões, quando se refere a um discurso longo. Há também as narrações, elas são representadas por retângulos da cor cinza, justamente para diferenciar dos balões de diálogo, cuja cor é branca. São pouco mais de 100 retângulos de narração que dão suporte essencial a história em quadrinho.

Cabe destacar nessa parte estatística de análise, que há um certo padrão em todas as páginas, ou melhor, como se trata de HQ, em todas as pranchas. Os quadrinhos, os balões de diálogo e os retângulos de narração sofrem poucas variações, na verdade, apenas os quadros sofrem, mesmo assim, a maioria é construído com base no retângulo, sendo bem pertinente o que escreveu Thierry Groensteen: “Apesar da variedade de opções à disposição, o requadro das histórias em quadrinhos retoma o formato mais comum que a pintura de cavalete e a fotografia lhe têm garantido historicamente: o retângulo”. (GROENSTEEN, 2015, p.56).

A HQ Assassinatos na Rua Morgue é composta de quadrinhos iguais a outros disseminados na nossa sociedade e que seguem o que foi conceituado por Groensteen: “Os quadrinhos, portanto, são uma combinação original de uma (ou duas, junto com a escrita) matéria (s) da expressão e de um conjunto de códigos. É a razão pela qual podem ser descritos apenas em termos de sistema. (Groensteen, p. 15)”. Toda a HQ é assim, com boas imagens e, na maioria das vezes, acompanhada de um balão de diálogo ou retângulo narrativo.

Fazendo uma primeira breve comparação entre a HQ e o conto literário, devemos destacar a primeira imagem: a capa. No texto literário, não há nada que dê uma mínima pista de quem seria o autor do crime, porém na HQ, já na capa, há uma figura enorme de uma criatura segurando uma navalha, dando, portanto, indícios que o criminoso seria uma fera ou algo semelhante. Esse cartão de visita diz muito sobre o que está por vir, algo que no texto literário só será percebido já na etapa final do conto. A capa da HQ está na imagem 1, localizada acima.

Todo o livro em quadrinho é produzido com tinta escura no seu interior, passando a ideia de suspense, enigma e horror que são atinentes a Poe. As cenas do assassinato são muito chocantes, mesmo em desenho, elas deixam os leitores meio paralisados. A obra traz imagens das personagens de uma maneira bem interessante, passando realmente aquela ideia do sombrio, sobretudo, na personagem de Dupin (mais detalhes na seção pertinente), a cena da casa onde ocorrera o crime é impressionante, de um trabalho que faz jus a descrição colocada por Poe no conto, obviamente com algumas adequações, uma vez que estamos tratando de gêneros textuais diferentes.

3.3.2 Layout

Como já destacado, a “adaptação” do conto para os quadrinhos seguiu um determinado padrão (quadrinho, requadro, balões etc.), vejamos:

Imagem 2: Casa da Madame L’Espanaye, local dos assassinatos.



Fonte: Farol HQ, 2016.

Para analisar a prancha e “relacionar” com o conto, escolhemos as páginas 16 e 17 e as páginas 58 e 59. São pares de páginas bem distantes, por isso trazem informações diferentes acerca da narrativa, porém o que vamos analisar está relacionado ao layout. São 4 páginas e seguem estruturas bem semelhantes, as páginas 16 e 17 possuem quadrinhos retangulares, são três quadrinhos por prancha – conjunto de quadros “cheios” agrupados numa página (GROENSTEEN, 2015, p.41). Nas páginas 58 e 59, os formatos quase se repetem, exceto pelos dois primeiros quadrinhos da página 58, pois, mesmo sendo retângulos, agora, eles têm uma base menor, porém são bem mais “altos”. Como destacou Groensteen: O layout pode exercer-se de maneira

autônoma em cada prancha, ou levar em conta o díptico natural que constitui as pranchas destinadas à impressão lado a lado (GROENSTEEN, 2015, p. 98).

O layout aplicado, na construção da história, foi simples, com poucas incrustações - as quais foram bem adequadas a circunstância- e sofreram poucas variações de quadro, requadro e hiper-requadro, sempre com fundo escuro, desta forma, a leitura flui de maneira quase automática. A cena das páginas 16 e 17 estão relacionadas ao momento que as pessoas chegam à casa das senhoritas que seriam assassinadas, tudo acontece rapidamente, pois a equipe que elaborou a história, principalmente, Emerson Dimaya, ilustrador, foi bem competente na construção. Já na página 58, para dar uma ideia de sequência, o ilustrador coloca dois retângulos de base estreita, porém mais “altos”. No primeiro quadrinho, ao fundo, há uma mulher morta, o macaco de costas e o material utilizado para o assassinato (navalha) está sobre uma cadeira; já no quadrinho em seguida – o qual é mais estreito, quando comparamos com os demais – vemos o macaco de frente, era a cena que matava asfixiada a outra mulher; já no quadrinho abaixo – ou seja, logo em seguida -, ele está diante do seu mestre, assim, o macaco fica com medo de ser castigado e tenta esconder os erros cometidos.

Enfim, o layout escolhido é muito convidativo para a leitura. Segue sim um determinado padrão, pois a maioria é composta por quadrinhos retangulares, sendo a base maior que a altura, porém, para enfatizar alguma cena ou mesmo circunstância, o ilustrador modificava um pouco para dar mais dinamicidade a leitura, tanto por meio de palavras, porém, sobretudo, a partir das imagens.

3.3.3 Quadro, Requadro, Hiper-Requadro, Balões e Imagem

Após breve análise sobre o layout utilizado para tratar do conto – Assassinatos na Rua Morgue - adaptado aos quadrinhos. Vamos tratar, nesta seção, de partes menores, mas não menos importantes, que constroem a HQ. Para analisarmos esses elementos, vamos observar a imagem abaixo e explicar cada um deles:

Imagem 3: Investigação dos crimes: jornais e depoimentos.



Fonte: Farol HQ, 2016.

Temos acima quatro páginas, respectivamente, 24 - 25 e 34-35. Já falamos do layout que segue um determinado padrão, não é muito diferente o que acontece com o quadro, requadro, hiper-requadro, a exceção, neste caso, é a imagem, mesmo mantendo as características em toda HQ e em outras HQs adaptadas, as quais também foram analisadas rapidamente, percebemos que, quando necessário, o ilustrador faz mudanças incríveis, deixando a HQ muito próxima ao que Poe propunha enquanto escritor, por exemplo, trazer a ideia do sombrio, do enigmático e do terror.

Temos, nas duas primeiras pranchas, seis quadrinhos. Na primeira página (24), vimos que os quadrinhos são todos retangulares, base maior que a altura, porém na página seguinte (25) há uma pequena mudança no formato dos quadros. Percebemos o primeiro quadro bem grande, ocupa quase metade da página, em seguida dois retângulos, desta vez a altura é maior que a base, para dar mais dinamicidade aos fatos. Esse primeiro quadro é maior para chamar a atenção do leitor, porque é nesse momento que Dupin – dialogando com o narrador-personagem – resolve investigar o caso. Assim pensa também Groensteen:

Calculando sobre a altura total da página, a proporção ocupada pela tira, em termos absolutos e relativos às proporções de outras tiras que aparecem na mesma prancha. Uma tira se destaca mais quando seu tamanho é maior ou quando sua altura difere das tiras vizinhas. (GROENSTEEN, 2015, p.71)

Percebe-se também que nas páginas 34 e 35 há mudanças nos quadrinhos, pois o ilustrador quer chamar a atenção do leitor, desta forma, só há dois quadros na prancha,

algo excepcional para a HQ em análise. O que acontece, na verdade, é o que Groensteen coloca como imagens solidárias, pois compartilham um espaço.

Percebe-se em outras HQs a utilização de outras formas de requadro, podemos encontrar círculos, losangos e até triângulos, no entanto nessa HQ o que encontramos é o retângulo, segundo Groensteen: Apesar da variedade de opções à disposição, o requadro das histórias em quadrinhos retoma o formato mais comum que a pintura de cavalete e a fotografia lhe têm garantido historicamente: o retângulo. (Groensteen, p.56). Sobre o requadro e o hiperrequadro não há muito o que analisar, pois as figuras estão sobrepostas em fundo escuro, uma cor que deixa registrada a assinatura de Poe no quadrinho, assim, não conseguimos ver o requadro ou hiperrequadro, porém sabemos que há, mesmo que implicitamente, eles estão lá, há uma fusão desses elementos com o fundo escuro. Servem para separar, dar ritmo e estutura, proporcionando assim uma fluidez na leitura. Sabemos que há essa separação, pois há um isolamento de cada quadrinho e isso é feito pelo requadro e hiperrequadro, porém não é notório. O importante é que percebemos a progressão narrativa por meio dos quadrinhos.

Acerca dos balões, já havíamos destacado que há aproximadamente 200. Estão sempre bem direcionados a quem está emitindo uma fala, não deixando dúvidas para o leitor da HQ. Estão sempre posicionados de uma maneira que não atrapalhe a visualização da paisagem e das personagens, são de fundo claro e letras escuras, assim, fica mais nítido e a leitura acontece de maneira mais agradável. Importante destacar, conforme Groensteen, “que (...) a posição que o balão ocupa é sempre relativa a três elemento: a personagem que fala (o locutor), o requadro do quadro e, por fim, os balões vizinhos (estejam eles situados no mesmo quadro ou quadros contíguos)” (2015, p.84). Todas essas formas foram utilizadas. Por exemplo, na página 25, temos um quadrinho na parte superior, nela, vemos o narrador-personagem conversando com Dupin, há um balão, ele aparece entre os dois homens, mas são quase “imperceptíveis”, quando relacionado ao todo da imagem. O balão está acima das chamas, na estrutura de tijolos da lareira. Pertinente destacar que os balões aparecem em quase todos os quadros, ou seja, sempre dando suporte as imagens para que a história aconteça. Quase todos os balões estão localizados no interior de um único quadrinho, isto é, não colado no requadro ou mesmo ultrapassando/transbordando o requadro. Deve ser mencionada a diferença com relação aos retângulos narrativos, pois os balões são claros e sempre

direcionados a uma personagem, os retângulos narrativos são uma ferramenta para dar voz ao narrador na HQ, aparecem na cor cinza, portanto, não há confusão.

As imagens das histórias são bem afins do que se espera de uma obra relacionada a Poe. Obviamente, quando lemos o conto Assassinatos na Rua Morgue não temos algo concreto sobre a casa, as ruas, as personagens e as cenas do assassinato. A imagens dos quadrinhos traz tudo isso pronto, mas, nesse caso em específico, de uma maneira bem satisfatória, pois, quase tudo, está sendo passado de uma maneira bem relacionada com as ideias do conto, mesmo sendo gêneros diferentes. Segundo Groensteen, “a narrativa em imagens é, portanto, muito mais discriminativa que o texto literário” (2015, p. 131). As imagens foram muito bem “encaixadas”, desde antes de iniciar a história, há uma imagem de um homem se barbeando, através de uma fechadura, porém está toda avermelhada, ou seja, já passando a ideia de sangue. A imagem em questão aparece na página 52, porém sem essa cor vermelha, mas sim numa narrativa um pouco menos subjetiva. Cada imagem é interpretável e faz parte de um todo, elas podem ser analisadas separadamente, mas o sentido maior surge, quando é percebida no todo da história. As imagens muitas vezes aparecem desprovidas de texto, mostrando que na HQ ela é quem garante a narrativa, “[...] o quadro não é necessariamente de natureza mista, já que se alguns deles comportam desenho e nenhum texto, outros trazem apenas texto” (GROENSTEEN, 2015, p.76).

Na página 47 da HQ, há no segundo quadro, o qual ocupa o espaço de uma tira, a imagem do narrador-personagem, este está segurando uma arma, os traços do seu rosto denotam um certo desconforto naquela situação. Esta cena está relacionada ao momento em que Dupin dá uma arma ao personagem, pois, segundo o investigador, eles poderiam receber uma visita. Não há explicação sobre esta situação desconfortável, mas a imagem “traduz” tudo isso, como diz Groensteen: “a imagem não é somente enunciável, mas também um descritível e um interpretável” (2015, p.130).

3.3.4 Página Dupla

Após uma lacônica análise sobre layout, quadro, requadro, hiper-requadro, balão e imagem, vamos também, brevemente, fazer uma análise sobre a página dupla. Reservamos uma seção para fazer esta análise, porque é uma imagem que chama muito atenção, não apenas pela ocupação de páginas, mas também por ser parte importante no

desenrolar da obra, pois se trata da cena do crime, de uma descrição que é característica do conto e foi “adaptada” para a HQ. Vejamos a imagem:

Imagem 4: Página Dupla: cena do crime.



Fonte: Farol HQ, 2016.

A imagem acima está nas páginas 18 e 19, em palavras, no conto, ela também corresponde duas páginas, 102 e 103. Há no conto uma descrição minuciosa da cena do crime, esta, por sua vez, foi bem representada pela imagem, as divergências – que não tiram o brilho da construção da imagem –, se compararmos ao conto, são sutis. Há no conto relato de colheres grandes de prata, ainda duas bolsas e é afirmado que o cofre está embaixo da cama; não obstante, na imagem, não há essas colheres, o cofre está no centro da imagem (não embaixo da cama). Outro fato que chama a atenção na imagem do crime é a janela, ou melhor, a luz que é projetada por meio dela, algo que não é citado no conto, porém enriquece muito a imagem. Deve ser destacado que o mais importante para a cena é a bagunça do quarto, a navalha em cima da cadeira e a não presença dos corpos, os quais seriam descobertos na cena seguinte. Essa página dupla é sensacional para a HQ, bem como fala Groensteen: “Do ponto de vista perceptivo, a página dupla constitui uma unidade pertinente e por isso merece nossa atenção” (Groensteen, 2015, p.46). Para a construção dessa página, pensamos da mesma maneira do teórico citado anteriormente, “O layout, a cor e os efeitos de entrelaçamento são principais parâmetros envolvidos nessa ideia de “duplicação””. (Groensteen, 2015, p.46). O layout era escuro como as demais pranchas, isto é, seguiu o padrão, dando continuidade ao que Poe propõe nas obras de enigma e/ou suspense. As cores são bem

escuras também, com muita sombra, mas o que faz o leitor ficar assustado e curioso, indubitavelmente, é o sangue espalhado pelo chão.

Para finalizar esta seção, cabe mais uma citação de Groensteen: “Nas histórias em quadrinhos, como afirmei anteriormente, a narração se passa em primeiro lugar e acima de tudo (salvo algumas exceções) pelas imagens” (2015, p.20). Pois a imagem que ocupa duas páginas não possui nenhuma palavra, porém é importante demais para a narrativa. Claro, por ser bem construída, com cores pertinentes, também pela relação de sombra e luz, afora que faz parte de uma cena que envolve muita investigação.

3.3.5 Incrustação

Este recurso é muito válido e bem utilizado pelo ilustrador. Válido porque traz as cenas do crime que são entrelaçadas por diferentes prismas, e bem utilizado porque o ilustrador colocou imagens fortes que chamam realmente a atenção do leitor e proporciona continuidade da narração. Groensteen exemplifica motivos para o uso da incrustação, vejamos a segunda: “A segunda grande motivação para uma incrustação é a de contextualizar um quadro (ou uma série de quadros) e sublinhar o vínculo privilegiado que ele (s) estabelece (m) com outro quadro conectado sem a”. (GROENSTEEN, p. 94).

Imagem 5: Investigação: incrustação.



Fonte: Farol HQ, 2016.

A incrustação deve estar relacionada semanticamente aos outros elementos. Na sua obra, Groensteen afirma que os quadrinhos são solidários e, na incrustação, percebemos que a relação deve ser mais estreita.

Há um jogo tabular, por exemplo, temos acima as páginas 20-21 e 48-49, na página 21 há uma incrustação que traz a imagem de uma das mulheres assassinadas - senhorita L'Espanaye, ela está de cabeça para baixo, pois foi empurrada pelo assassino (o macaco), mas antes há um quadrinho que traz a imagem de um homem que observa a chaminé, esses dois quadros estão dentro de um quadrinho maior, servido assim para contextualizar ainda mais a história. Um argumento de autoridade sobre a questão:

Também nas histórias em quadrinhos a relação entre quadro englobante e quadro incrustado é muitas vezes uma relação de oposição dialética ou de contraste, por exemplo, entre um campo e seu contracampo, o olhar de uma personagem e a cena ou local que ela contempla, um narrador integrado ao presente da ação e a representação de uma lembrança (ou do sonho, de fantasia) que este relata etc. O caso mais frequente, ao que me parece, é uma relação dialética entre parte e todo, que põe em relação uma visão de conjunto e um elemento dessa mesma cena, apartada e ampliada. (GROENSTEEN, 2015, p. 95)

Na última parte da citação, Groensteen fala do caso mais frequente, uma relação dialética entre parte e todo, fora o que aconteceu na incrustação da página 21, bem como na página 49. Há uma visão do conjunto, ou seja, a cena do assassinato e, depois, da investigação, que são ampliadas, trazendo, portanto, fluidez da obra.

4 Comparativo entre as Artes

Não há como falar de todos os pontos importantes do conto e verificar como aparece na HQ. Ficaria extenso, mas não desinteressante, pois são assuntos válidos, porém a conjuntura desse trabalho não permite ser muito expansivo, portanto, fizemos um recorte para traçarmos um paralelo entre as Artes. Destacamos que não há intenção de hierarquizar-las, porém de mostrar como alguns fatos acontecem na obra realizada por meio de palavras e aquela alicerçada nas imagens. Nenhum tópico será esgotado, apenas faremos sucintos comentários sobre estes gêneros distintos e bem pertinentes.

4.1 Espaços, Palavras e Imagens

Nesta seção, vamos aglomerar três aspectos para análise: o espaço, a palavra e a imagem. Mais uma vez não iremos analisar todos os aspectos, apenas alguns tópicos, pois não há como exaurir todas as informações.

Quando estudamos as características das narrativas, indiscutivelmente, três são destaque: espaço, tempo e personagem. O espaço, no conto literário, é apresentado por meio de palavras, estas suscitam várias imagens na mente do leitor, ele vai tentando

criar um cenário, as ruas, a iluminação; nos quadrinhos, as imagens representam o espaço, fazendo com que o leitor foque em cada uma delas, para perceber os detalhes (como citamos na página dupla), ele não será “orientado” por palavras, porém sim dependerá da sua atenção visual para perceber a trama:

Uma página de HQ oferece uma primeira visão global, sintética, mas que não pode ser satisfatória. Ela precisa ser examinada, percorrida, decifrada analiticamente. Essa leitura de momento a momento não leva em menor conta a totalidade do campo panóptico que constitui a página (ou a dupla de página), uma vez que a visão focal nunca deixa de ser enriquecida pela visão periférica. (Groensteen, 2015, p.30)

Abaixo, temos duas pranchas, são as páginas 12 e 13, seguem o padrão da confecção da HQ, já discutido acima. No primeiro quadrinho da página 12, vemos o narrador-personagem e Dupin andando por uma rua, se não observarmos os detalhes, veremos apenas isso: dois homens. O ilustrador utiliza alguns artifícios para representar por imagens o que antes eram palavras. Percebe-se que os homens estão com as mãos dentro dos bolsos dos sobretudos, não há diálogo nesse quadrinho, porém sim percebemos os retângulos narrativos (que dá um grande suporte para a cena).

Imagem 6: Espaço da narrativa.



Fonte: Farol HQ, 2016.

Para passar a ideia de tempo que foi destaque no texto literário, os homens estão não no final da rua, mas como se já tivesse percorrido um bom caminho, bem como dar destaque a rua comprida que é destacada no conto; para dar a ideia de sujeira (destacada no conto), alguns papéis foram desenhados no chão. A ideia a ser passada nessas

imagens é que Dupin analisa muito bem as situações, para assim descobrir algo. Ele usa de um raciocínio raro, segue métodos, porém, na HQ há apenas um recorte de situações para passar essa mensagem, o que no conto acontece de maneira um pouco mais longa e detalhada, há ainda outras informações que levam a isso, por exemplo, o encontro com o vendedor de frutas e a percepção dos lábios do narrador-personagem, para assim, Dupin resolver uma pequena charada.

Espaço, palavras e imagem se relacionam para construção de uma narrativa. Trazem informações valiosas para o entendimento, necessariamente; porém, depende de o leitor perceber os detalhes para compreender realmente a obra, senão ficará restrito a superfície da obra, ou poderá afirmar que há incoerência na produção. O que se sabe é que, conforme Groensteen, “A narrativa em imagens é, portanto, mais discriminativa que o texto literário” (2015, p.131). Para compreensão de ambas as artes, deve-se ter atenção, porém as palavras aparecem de maneira linear, mas a imagem está posta, os olhos devem captar não apenas o que está no centro, mas sim toda a imagem.

O ilustrador pensou em várias circunstâncias para desenvolver cada quadrinho, o princípio da solidariedade está bem nítido em toda a HQ. A organização é uma estratégia bem pertinente a tudo que acontece, sempre pensando no desenvolver das ações. Os quadrinhos, como fizemos antes, podem ser analisados separadamente, porém para a história em si, faz mais sentido quando pensando enquanto conjunto.

O espaço - nesse exemplo e nos demais que foram analisados, mas não expostos aqui - são pertinentes demais, traz o “clima” de enigma, de sombrio e de suspense. Vimos nessa seção algumas ruas e prédios que ficaram em segundo plano nas imagens, mas antes - página dupla - , vimos o interior do apartamento onde ocorreram os crimes. Um espaço ilustrado de maneira assustadora, o que enriquece ainda mais os quadrinhos, pois traz características que são relacionadas ao escritor americano. As imagens, em alguns momentos, são subsidiadas pelas palavras, mas elas nem sempre são imprescindíveis, uma vez que em alguns momentos a imagem “fala” por si. Sabemos também que as palavras são essência do conto, como diz Massaud Moisés, “[...] a literatura é um tipo de conhecimento expresso por palavras polivalentes” (1972, p.25). Por sua vez, a representação e, neste sentido do trabalho, a adaptação foi pautada, necessariamente, por meio de imagens que “[...] não é somente um enunciável, mas também um descritível e um interpretável” (Groensteen, 2015, p.130).

Portanto, tentamos mostrar como funcionou um pouco da transposição, sendo analisados a partir de três elementos: os espaço, as palavra e imagens. Cada um sendo utilizado de uma maneira peculiar, porém que são importantes para cada ARTE, seja sétima, seja nona. Não há essa ideia de melhor ou pior, apenas são diferentes, pois atende públicos com preferências diferentes.

4.2 Dupin

Quem é o Monsieur C. Auguste Dupin? Detetive não profissional, uma vez que não faz parte de um setor de polícia investigativa e não cobra pelos serviços, isso na obra em análise. Dupin é o protagonista de três obras de Edgar Allan Poe: Assassinatos na Rua Morgue, O Mistério de Marie Rogêt e A Carta Roubada. Na obra em HQ, temos uma figura de Dupin bastante interessante, obviamente, já houve outras representações:

Imagem 7: Monsieur C. Auguste Dupin.



Fonte: Farol HQ, 2016.

Acima, vemos Dupin. São momentos diferentes da narrativa, foram feitos recortes de pranchas, ou seja, o que vemos, na verdade, são quadrinhos de páginas distintas. Na primeira imagem (analisando da esquerda para a direita), vemos Dupin, que está segurando um livro, cumprimentando o narrador-personagem, primeiro contato entre eles (página 10, segundo quadrinho). O segundo quadrinho (página 24), ele está lendo um jornal, é o momento inicial da investigação dos assassinatos. O terceiro mostra Dupin mais uma vez conversando com o narrador, falavam sobre a investigação;

já no quarto quadrinho, vemos o investigador conversando com o homem que foi preso injustamente, Le Bom. No quinto quadrinho, vemos Dupin de frente, neste momento, ele falava com chefe de polícia.

A questão é que, em quase todos os quadrinhos, nós vemos Dupin. Nesse sentido, a HQ cumpre, no que queremos analisar, uma das características das histórias em quadrinho, vejamos:

O desenho que se exige na história em quadrinhos tem suas próprias leis: as leis do desenho narrativo. A mim parece que as principais características do desenho narrativo são cinco: (1) antropocentrismo, o desenho narrativo privilegia a personagem, o formato do quadro muitas vezes parece projetado para receber o copo da personagem representada dentro do quadro. (GROENSTEEN, 2015, p.168)

Groensteen coloca outras características: A simplificação sinedóquica, a tipificação, a expressividade, a convergência retórica. Não vamos falar destas, pois a intenção é dissertar um pouco sobre Dupin. No que se refere ao investigador, percebemos que na HQ a sua figura é muito mais presente, dando assim mais importância a personagem. Vemos as suas expressões, seus gestos, seu comportamento e a até suas roupas. A figura fica ainda mais destacada. No conto, o narrador-personagem conta uma pequena história de como conheceu Dupin, fala, brevemente, sobre o modo como ele vivia, que se resumia a ler livros e apreciar a noite. Ainda enquanto “característica” da figura central da obra, o narrador destaca a inteligência do homem misterioso. Na obra há: “o que eu descobri no meu amigo francês foi meramente o resultado de uma inteligência superexcitada ou, talvez, até mesmo doentia” (POE, 2015, p.96). Não há uma descrição física da personagem, porém é agradável ver Dupin do jeito que foi ilustrado acima, talvez isso ocorra, pois se trata de um estereótipo (merece um estudo mais aprofundado sobre esse assunto), então, vemos um homem um pouco mais alto que as demais personagens da HQ, sempre usando óculos, cabelos compridos, usa uma roupa escura e bem fechada. Passando a ideia de um investigador sério, centrado e de postura enigmática, sobretudo, quando escuta as pessoas. Acerca de tudo que vimos agora, Groensteen traz um argumento muito válido, pois trata do que estamos fazendo, um pequeno paralelo entre a literatura e a imagem:

Não se pode negar que a redundância é princípio básico da maioria das histórias quadrinhos (mesmo que algumas fujam à regra). Mas é preciso verificar que isto normalmente é consequência direta da organização da narrativa em torno de uma personagem central (convencionalmente designada por “herói”) que, solo ou ladeado

por parceiros, estará quase continuamente no centro da ação. Tal focalização narrativa traduz-se na imagem através da ubiquidade de dita personagem, representada em grande número de quadros. Na verdade, o caráter insistente do protagonista da história se vê em todas as formas narrativas, incluindo a literatura, onde ele vira um pronome (“eu” ou “ele”, conforme a narração em primeira ou terceira pessoa) que é repetido incansavelmente. Isto apenas fica mais evidente quando temos uma história em imagens, e particularmente uma história em quadrinhos, dado o fato da discretização das imagens distribuídas pelo multirrequadro em regime de co-ocorrência. (GROENSTEEN, 2015, p.122)

Enfim, para não nos estendermos mais nessa análise (uma vez que cabe um estudo mais profundo, voltado para análise da narrativa psicológica, bem como a corroboração de estudos do estereótipo), vamos apenas comentar sobre a personagem num sentido mais superficial.

Não há essa descrição da personagem no conto, porém no quadrinho é satisfatória a imagem de Dupin. Todavia, os argumentos voltados para ele são mais detalhados na pequena narrativa por meio de palavras. Como o teórico belga destacou, a personagem é representada em vários quadros, no texto literário ela aparece por meio de recursos coesivos. No final, temos Dupin sendo representado de duas maneiras excelentes, uma por meio de palavras que força o leitor a criar mentalmente essa personagem; na HQ, temos a figura aparecendo de maneira redundante, por isso não podemos hierarquizar as artes, são diferentes.

4.3 Linguagens – Comparações entre As Artes

Antes de chegarmos à conclusão, ou melhor, considerações, pois este assunto é inacabado, pois há muitas nuances em cada arte e, quando comparadas, indiscutivelmente, temos conteúdos que não se esgotam. Sendo assim, vamos falar de um assunto que é objeto de estudo de vários estudiosos, a linguagem. Não iremos abordar várias teorias ou mesmo aspectos históricos, apenas iremos nos restringir a fazer uma econômica explanação acerca da linguagem por dois vieses, o de Groensteen para falar dos quadrinhos, e o de Moisés para falar da linguagem literária, na medida do possível, comparando, mas não hierarquizando ou criando valores. Groensteen traz:

Em comparação a uma narrativa literária, a imagem realmente traduz e exprime em termos visuais tudo que se pode ver: personagem, cenário, objetos, detalhes de atmosfera, expressões, gestos, ações. Na verdade, tudo exceto as trocas verbais (e pensamentos), as quais ela é incapaz de traduzir e pode apenas citar. (GROENSTEEN, 2015, p.135)

Foi muito preciso na construção do argumento, como já vimos em etapas anteriores que a imagem traz o espaço, as personagens e outros elementos de maneira, necessariamente, ilustrada. Fica, de certa maneira, mais cômodo para o leitor, pois muitos elementos da narrativa já estão postos, porém, o leitor deve ser atento, deve ser perspicaz, para assim compreender melhor a narrativa. Ainda sobre a citação, há uma passagem que fala sobre as trocas verbais, estas, como vimos, aparecem em balões, ou seja, são citadas, mas de maneira ainda mais sucinta que nos contos, assim, a objetividade nos diálogos impera nas obras, por isso se deve ter muita atenção as imagens; já no conto literário, a cautela na hora da leitura é fundamental para perceber melhor a narrativa. No conto literário, há uma ferramenta importante que não é tão evidenciada na HQ, são os depoimentos. Da maneira como acontece nos quadrinhos, cremos que é algo rápido, que não é essencial para encerrar a trama. Dupin entrevista os homens e utiliza recursos lógicos matemáticos para descartar algumas possibilidades, as quais ganham força com a análise dos corpos e do espaço do crime, porém são os testemunhos que dão sustentação para o prosseguimento da investigação.

São os diálogos com as pessoas envolvidas na “invasão” à casa que traz muitas ideias para o grande detetive. O conto dá muito destaque aos depoimentos, todavia não quer dizer que isso não ocorra nos quadrinhos, acontece, mas sutilmente. O importante é que ambas as artes mostram o trajeto buscado para desvendar o mistério, em outras palavras, os métodos utilizados por Dupin.

A título de crítica e enfoque literário sobre este trabalho comparativo, importante afirmar que os tipos de diálogos, os quais são citados por Moises (2015, p.128), em *A Criação Literária*, enquanto característica da linguagem, aparecem nas duas artes, são: o diálogo direto, as personagens falam diretamente; diálogo indireto, quando o contista/narrador resume a fala de personagens. Outra característica importante é a narração, pois nas obras ela foi fundamental para fazer a introdução, além disso o narrador-personagem destaca pontos importantes para a questão do raciocínio. Detalhes essenciais para o entendimento de toda a trama, segundo Moisés: “No conto, funciona sobretudo como condensação de por menores, ligados ao passado, remoto ou próximo, que interessam ao desenvolver da ação” (1972, p.130).

Podemos falar, com base na linguagem e na adaptação dela para a HQ, que não temos na verdade uma transposição do conto *Assassinatos na Rua Morgue* para os

quadrinhos, porém sim uma nova história, uma vez que houve supressão de muitos assuntos, principalmente, de falas. Assim como Todorov fala das Mil e Uma Noites:

Os múltiplos tradutores das Mil e Uma Noites parecem todos ter sofrido o poder dessa máquina narrativa: nenhum pôde contentar-se com uma tradução simples e fiel do original; cada tradutor acrescentou e suprimiu histórias (o que é também uma maneira de criar novas narrativas, sendo a narrativa sempre uma seleção); o processo de enunciação reiterado, a tradução representa ela mesma um novo conto que não espera mais seu narrador: Borges contou uma parte deles em “Os tradutores das Mil e Uma Noites”. (TODOROV, 2006, p.132)

Se observarmos por esse prisma, podemos afirmar que se trata de uma outra obra, a qual deve ser analisada de outra maneira. Por isso, em vários momentos, destacamos que não há hierarquização das obras, são apenas maneiras diferentes de expressar as histórias. Uma utiliza a palavra, outra dá poderes as imagens.

Conclusões

Foram realizadas duas análises, uma literária e uma quadrinhística, mas, como já exposto em sessões anteriores, sem a intenção de exaurir as questões, uma vez que o conto, mesmo sendo uma narrativa curta, traz um conteúdo bastante peculiar, e para ser analisado próximo ao esgotamento de crítica, seria muito difícil. Sobre a “adaptação”, talvez sobre o aspecto da estrutura da composição, tenhamos avançado um pouco mais, porém sem esgotar os conteúdos de análise.

O conto Assassinatos na Rua Morgue é uma obra riquíssima, por isso foi “adaptada” e por esse motivo a selecionamos para realização deste trabalho. Tentamos mostrar pontos de cada arte, bem como a relação entre elas, mas não fora colocado nenhum juízo de valoração, pois são trabalhos distintos. Sendo assim, fazer uma hierarquização entre HQ e literatura é o mesmo que comparar a dança com a pintura ou mesmo escultura, seria um equívoco tremendo.

Tentamos, com muito esforço, fazer críticas utilizando as informações colocadas em manuais, para a literatura utilizamos como alicerce, além de outros, Massaud Moisés; para análise da HQ observamos, sobretudo, Groensteen. Tentamos também, mas sem sucesso, não seguir correntes literárias como Fenomenologia, Estruturalismos, Estética da Recepção etc, pois possivelmente, utilizamos um pouco de cada uma delas, sobretudo, utilizamos Todorov para nortear o trabalho na perspectiva literária e também

na percepção da HQ, por isso, talvez, tenhamos estreitado nosso discurso com o que propõe a semiótica.

Enfim, trabalho de crítica comparativa sem juízo de hierarquização, percebendo os principais pontos que as compõem, analisando também os pontos divergentes e convergentes entre as artes, uma vez que o conto é intitulado *Assassinatos na Rua Morgue* e a HQ recebe o mesmo nome. Obras que podem ser utilizadas enquanto análise pura, assim como fizemos, mas obviamente podem servir ao ambiente educacional, claro, analisando o público alvo. O que fica também é a proposta de Poe enquanto contista sensacional ser legado para outros públicos.

Referências

AUMONT, Jaques. *A imagem*. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Papirus Editora, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*, Lisboa, Relógio D'Água, 1991

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra. 6ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva: 2003

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

GROENSTEEN, Thierry. *O Sistema dos Quadrinhos*. Tradução Érico Assis. 1 ed. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015

MCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. Tradução de Hécio de carvalho, Marisa do Nascimento paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

METZ, Christian. *A Análise das Imagens*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MITCHELL, W. J. T.. O que as imagens realmente querem?. In: Emmanuel Alloa (org.). *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: Introdução à problemática da Literatura*. 5. ed. São Paulo. Melhoramentos, 1972.

POE, E. A. *A filosofia da composição*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Poemas e ensaios. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

POE, Edgar Allan. *Assassinatos na Rua Morgue e outras histórias*. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2015.

POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 4.edição. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. 4.edição. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Debates, n.98).